

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Michele Sacramento Fortes

O que dizem e fazem os bebês no contexto de um berçário

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalho em Creches e Pré-Escolas

Orientadora: Cristina Laclette Porto

Rio de Janeiro,

Setembro de 2017

Michele Sacramento Fortes

O que dizem e fazem os bebês no contexto de um berçário

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Cristina Laclette Porto

Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalho em Creches e Pré-Escolas

Rio de Janeiro,

Setembro de 2017

AGRADECIMENTOS

“Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta.”

Chico Xavier

Por isso agradeço...

Primeiramente à Deus,
por ter me dado força e coragem para trilhar o meu caminho
e atingir este objetivo, vencendo todos os desafios
Hoje posso dizer: Muito Obrigada meu Deus por mais esta conquista!!!!

À minha família,
Meu marido e meus filhos.
Ao meu marido Thiago por me incentivar a voltar a estudar,
sempre me alertando que não podemos parar de aprender.
Aos meus filhos que me mostraram que sempre podemos mais,
e que os filhos não nos impedem de nada,
pelo contrário, nos dão força e vontade de dar o exemplo
para que eles possam seguir no caminho certo.

Às minhas amigas,
Karla Ouriques e Valessa Carvalho, por serem
simplesmente AMIGAS. AMIGAS, sinônimo de parceria,
compreensão, auxílio, perseverança e alegrias.

Aos os professores desse curso,
que me oportunizaram o conhecimento
sobre o verdadeiro significado da Educação Infantil,
propiciando experiências de competência e
compromisso com este curso.
Agradeço ainda a compreensão de todos
terem me auxiliado no pós-parto.

Ao Espiritismo,
Doutrina que me faz acreditar que nada é por acaso.
Se tenho compromisso com as crianças que este seja
cumprido com êxito e competência.

RESUMO

Esse trabalho monográfico tem o objetivo de pesquisar e analisar como os bebês se comunicam antes do desenvolvimento da fala, observando suas ações e interações nos diferentes momentos do seu dia a dia. A pesquisa foi desenvolvida em um Espaço de Desenvolvimento Infantil da zona Oeste do Rio de Janeiro, que pertence à prefeitura desta cidade. Esta Instituição trabalha atendendo em horário integral as crianças da comunidade onde se situa e as do entorno. O trabalho de campo foi realizado pela pesquisadora, no ano de dois mil e dezessete, através da observação dos vinte e cinco bebês da turma do Berçário, de faixa etária entre doze meses e vinte e quatro meses. A monografia aborda a diferença entre comunicação e linguagem, analisando a linguagem utilizada pelas crianças pequenas para se comunicarem. Paulo Fochi e Daniela Guimarães são alguns dos autores que vem elucidar como essas crianças são capazes de externar seus desejos, vontades e sentimentos.

Palavras-chave: Infância, Linguagem, Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM.....	9
1.1- A linguagem dos bebês.....	10
CAPÍTULO II - RELATOS DE VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS DO BERÇÁRIO.....	16
2.1- Análise das situações.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1 – INTRODUÇÃO

A infância é um tempo de descobertas e desafios, onde a criança participa intensamente dessa experiência com seu corpo, seu movimento, sentimentos, conhecendo e reconhecendo o outro e o ambiente através do contato, das vivências e dos questionamentos que permeiam as suas experiências a todo instante. Não existe hora, nem período para aprender; o descobrir acontece permanentemente, não há como contar o tempo da construção de conhecimentos na infância. "A criança não se constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo" (Jobim e Souza, 1994, p. 159).

Trabalho com a infância desde 1995, na Prefeitura do Rio de Janeiro. Fui regente de turma durante 13 anos, sendo que em 8 deles em turmas de educação infantil. Há quatro anos sou gestora de um Espaço de Desenvolvimento Infantil que atende crianças de seis meses a cinco anos. A partir da inauguração em setembro de 2012, passei a viver no mundo da primeira infância, o qual eu só havia vivenciado ao desempenhar minha responsabilidade como mãe. Meu olhar de gestora era diferente do olhar materno, mas ainda trazia traços maternais, porém naquele contexto havia um distanciamento neste convívio e começava a perceber diferentes comportamentos e atitudes protagonizadas pelas crianças que não via antes. Situações de descobertas, problematizações, argumentações, conflitos e interações aconteciam em diferentes espaços e momentos durante o dia de atendimento.

As interações dos bebês são ações que chamam a atenção pela sua riqueza em descobertas. É possível perceber que, mesmo sem falar, eles conseguem se entender, brincar juntos, entrar em conflitos e até se ajudar. Também conseguem demonstrar aos adultos, seus cuidadores, seus sentimentos, necessidades e conquistas.

No entanto, faz-se necessário entender a criança como um sujeito que pensa, sente e age, sendo percebida como um sujeito histórico que, através das suas vivências diárias, torna-se produtora de cultura. Segundo Kramer (2009), "...importa pensar a criança como um outro que deve ser visto em suas potencialidades, e não apenas conhecido pelas suas características e necessidades (p. 51)".

A comunicação entre os bebês me instigou a curiosidade, levando-me a levantar diversas questões sobre este tema. Apesar de já existirem alguns estudos teóricos, notava que ainda é preciso realizar observações sobre a visão de mundo dos bebês, para poder entender o significado que eles dão a sua realidade e às ações que realizam no contexto atual. Mas o que

me inquietava era como isso acontecia. Como os bebês conseguem antes da aquisição da linguagem verbal se comunicar com seus pares e com os adultos que participam das interações?

O objetivo desta pesquisa foi investigar que mecanismos os bebês utilizam para realizar a comunicação antes de aprenderem a falar. Se eles ainda não sabem se expressar e comunicar-se verbalmente, como possuem protagonismo e autonomia nas suas ações e escolhas?

Este trabalho tem início com a apresentação da pesquisa bibliográfica que o fundamenta teoricamente. A perspectiva etnográfica foi a escolhida para realizar a pesquisa de campo no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professor Roberto Luiz Pereira, onde foram feitas observações participantes das interações dos bebês nas turmas de berçário. Portanto, o capítulo 1 trata do que é comunicação e do que é linguagem, discutindo o significado de cada um destes termos e como eles acontecem. Analisa também a linguagem que os bebês utilizam antes de desenvolverem a fala e como eles conseguem se fazer entender mesmo sem tê-la adquirido, mostrando protagonismo nas ações e na realização de seus desejos.

O segundo capítulo traz o relato e a análise de algumas experiências observadas no campo da pesquisa realizada em uma turma de Berçário, composta por crianças de faixa etária de 12 a 24 meses. Mostra algumas interações dos bebês com seus pares e com os adultos, que são seus cuidadores, suas falas ainda sem palavras e seus balbucios que permitem a comunicação de suas intenções e desejos. Um diálogo com as pesquisas desenvolvidas por Paulo Fochi, que estudou a pequena infância, mais especificamente, as ações e a capacidade de protagonismo dos bebês, é estabelecido. Para Fochi (2015) “...os bebês são capazes de aprender a partir de si mesmos, sem a intervenção direta dos adultos, principalmente, quando são atraídos a realizar ações por meio de seus interesses, prevalecendo sua intencionalidade” (p. 12). Também serão tomados como base para essa análise, os estudos e pesquisas de Daniela de Oliveira Guimarães, que buscou conhecer e compreender as relações dos adultos com as crianças e das crianças entre si, assim como as estratégias e invenções criadas para lidar com os objetos.

O desafio deste trabalho foi integrar teoria e prática, a fim de dar visibilidade às ações das crianças, através do campo, analisando sua atuação em suas vivências oportunizadas pelo contato com os outros sujeitos participantes do seu processo educativo, dando ênfase à linguagem utilizada pelos bebês antes da fala.

Como profissional da Educação Infantil, acredito que seja necessário estar sempre buscando novas pesquisas científicas para a atualização e construção de conhecimentos, visando estar sempre em dia com os novos estudos, permitindo o aprimoramento da prática pedagógica, a maior competência no desenvolvimento do trabalho que será oferecido, e,

principalmente, garantindo ao educando uma ação educativa de qualidade. Sendo assim, busco aprofundar meus estudos e conhecimentos sobre a infância na vida do ser humano e da sociedade em que está inserido, visando um novo olhar para as possibilidades e potencialidades apresentadas pelas crianças.

CAPÍTULO I – COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

Pode-se entender a comunicação como “ato ou efeito de comunicar (-se). Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos...”(FERREIRA, 1999, p. 517).

A comunicação é um movimento inerente dos seres vivos, quando se encontram na coletividade. A diferença da comunicação humana para a comunicação do animal é a utilização de símbolos. Estes são criados pelos seres humanos através do conhecimento acumulado, afim de distingui-los, compreendê-los e até modificá-los.

Comunicar é a capacidade que o ser humano tem de interagir com o outro por meio de sinais, e, para isso, utiliza-se desses tipos de linguagem para chegar à compreensão. O ato da comunicação não é o que se diz, mas tudo aquilo que o receptor compreendeu do que foi dito, ou seja, o receptor deve ser capaz de decodificar a mensagem e de interpretá-la. Kohl (2010) afirma que,

para que a comunicação com outros indivíduos seja possível de forma mais sofisticada, não basta, entretanto, que a pessoa manifeste, como o bebê, estados gerais como “desconforto” ou “prazer”. É necessário que sejam utilizados signos, compreensíveis por outras pessoas, que traduzam ideias, sentimentos, vontades, pensamentos, de forma bastante precisa (KOHL, 2010, p. 44).

Como um ciclo, o processo retorna logo após a resposta do receptor, e este, agora, passa a ser o emissor. O ato de se comunicar é um processo constante e complexo, o qual se pratica diariamente e inconscientemente através de atitudes movidas pelos impulsos e pensamentos. Nos seres humanos, a comunicação deriva do pensamento, da linguagem e do desenvolvimento social. A troca de mensagens, verbais ou não verbais, permite ao sujeito influenciar os demais e ser influenciado. Através da comunicação, as pessoas conseguem informações sobre o ambiente onde estão inseridas, podendo compartilhar com os outros. “É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem” (KOHL, 2010, p. 44).

No seu dia a dia, a criança faz uso da linguagem verbal e não-verbal para se comunicar. A linguagem verbal está relacionada à fala e à escrita. Todas as outras formas de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos fazem parte da linguagem não-verbal. A

linguagem corporal, não-verbal, determina movimentos corporais e podem transmitir mensagens e intenções.

Ao mesmo tempo que enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, a linguagem representa um potente veículo de socialização. É na interação social que as crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro. Cada língua carrega, em sua estrutura, um jeito próprio de ver e compreender o mundo, o qual se relaciona a características de culturas e grupos sociais singulares. De acordo com Kohl (2010), Vygotsky afirma que “a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: é para se comunicar com os seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagem” (p. 44).

Para que a comunicação aconteça de forma efetiva, é necessário que os participantes desta conheçam mutuamente o que está querendo ser dito. Para isso é necessário que o mundo vivenciado pelos integrantes do processo de comunicação seja fácil e generalizado. É preciso que todas as coisas tenham um significado para poderem ser transmitidas e compreendidas por todos. De acordo com Kohl (2010) essa é a função da linguagem chamada de pensamento generalizante - ela “ordena o real, agrupando todas as ocorrências de uma mesma classe de objetos, eventos, situações, sob uma mesma categoria conceitual” (p. 45).

1.1 A linguagem dos bebês

No desenvolvimento global da criança, a linguagem é muito importante, pois além de construir conceitos, condiciona a própria construção dos conceitos. A linguagem é um meio de comunicação que proporciona conhecimentos para construir uma representação do mundo, com a mediação do adulto. Segundo Kohl (2010), para Vygotsky, “a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento” (p. 45).

A linguagem só se estabelece progressivamente graças às interações da criança com parceiros linguísticos de seu ambiente, como mãe, pai, irmãos e educadores. Essas interações proporcionam o contato da criança com diferentes histórias, culturas, realidades e seus significados. “As interações são a vivência das práticas sociais, a arena onde as crianças internalizam os signos sociais: regras, normas, valores, formas e condições de ser e estar no mundo” (NUNES e SIQUEIRA, 2009, p.152).

As crianças têm um jeito especial de se aproximarem dos adultos e de outras crianças, formas de estabelecer parcerias pelos gestos, movimentos, fala, etc. Estas iniciativas mostram as crianças a produzirem a linguagem, buscando novas maneiras de se relacionar entre seus pares e com os adultos. Dewey (2010 *apud* Fochi, 2015) diz que “[...] toda experiência humana é fundamentalmente social, ou seja, envolve contato e comunicação” (p. 98). Antes de desenvolver a fala, o bebê já possui a capacidade de compreender, do seu jeito, o que se passa ao seu redor. De acordo com Fochi (2015) “desde que nasce, o ser humano é curioso para “alcançar” o outro: seja um ser humano, seja a si mesmo, seja outra coisa... A curiosidade por esse outro é o que impulsiona o bebê a descobrir seu entorno” (p. 98).

As interações entre os bebês com as outras crianças e com os adultos oportunizam vivências ricas para a comunicação entre eles. Esse contato social proporciona através da linguagem não-verbal a possibilidade de interagirem através de olhares, do toque, de expressões faciais e movimentos corporais. Eles aprendem a se relacionar com o outro e com os conflitos gerados nessas situações, a ver o mundo, a dar significados para as ações, a dominar as formas de agir, pensar e sentir-se presente no seu meio. Este início do uso da linguagem demonstra como as crianças pequenas já fazem uso da cultura. Ela pode assim ser percebida como um sujeito histórico que através das suas vivências diárias torna-se produtor de cultura. Bruner (1995 *apud* Fochi, 2015) afirma que:

É igualmente claro que as crianças, ao desejar usar a linguagem para alcançar seus fins fazem muito mais que simplesmente dominar um código. Estão negociando procedimentos e significados e, ao aprender a fazer isso, estão aprendendo os caminhos da cultura, assim como os caminhos da linguagem (BRUNER, 1995 *apud* FOCHI, 2015, p. 98).

O choro, o sorriso, as vocalizações são os primeiros sinais comunicativos das crianças; é quando elas iniciam suas relações no mundo verbal. As crianças utilizam esses sinais para demonstrarem seus desejos, satisfações, insatisfações, sentimentos. Kohl (2010) afirma que “o choro, o riso e o balbúcio da criança pequena têm clara função de alívio emocional, mas também servem como meio de contato social, de comunicação difusa com outras pessoas” (p. 48). A relação entre a criança e o adulto se constitui a partir de muitos sinais que a criança utilizará para chamar a atenção.

A ação de chorar serve para mostrar que algo não vai bem. Pode ser porque a criança não está se sentindo bem patologicamente ou porque está triste. Os bebês passam a perceber que, quando choram, logo alguém vai acudi-los. Futuramente, esta situação poderá ser usada como uma chamada, entre outras coisas. Esse é o início do processo de transmissão de sentimentos.

Uma maneira de demonstrar à criança formas de se comunicar com maior qualidade e aceitação é respeitar e acolhê-la em situações, onde, diante de uma necessidade, seja poupada, priorizando atividades realmente enriquecedoras para o seu desenvolvimento e comunicação saudáveis, tornando-a sociável. Guimarães (2008) afirma que “o gesto de apontar, o olhar, os objetos ofertados, os braços que se levantam em direção a pessoas e objetos, as expressões faciais são modos não-verbais que vão sendo vividos socialmente” (p. 191).

Eles procuram passar o que querem através de caretas, sorrisos ou gestos que identifiquem a ação ou emoção. Ao estar satisfeita em certo momento, é comum visualizar uma criança sorrindo e fazendo gestos com alegria, bem como quando está incomodada, quando não quer comer, por exemplo, ela chora e faz caras feias, buscando mostrar sua insatisfação ou procurando o auxílio de alguém. Mahoney e Almeida (2005) ao discorrer sobre a teoria de Wallon afirmam:

A emoção aparece desde o início da vida com os espasmos do recém-nascido. Estes não são apenas um ato muscular, de contração dos aparelhos musculares e viscerais: existem bem-estar ou mal-estar tanto no espasmo quanto na sua dissolução. Tensão é provocada pela energia retida e acumulada: riso, choro, soluço aliviam a tensão dos músculos (MAHONEY e ALMEIDA 2005, p. 20).

Os adultos, que convivem e participam do cuidar das crianças, estão permanentemente em contato com elas e esse convívio permite entendê-las e atendê-las em suas solicitações. É possível através do tipo de choro identificar se o bebê está com fome, sono ou outro incômodo. Quando está evacuando, geralmente, apresentam expressão facial diferenciada, mostrando estar fazendo força. A comunicação começa a acontecer através de ações sutis, perceptíveis pelos adultos através do contato e da observação desses pequenos, porém, é preciso atentar que cada criança é singular, tem suas características próprias, o que as diferencia na coletividade. Sendo assim, essas expressões das crianças pequenas podem variar de acordo com cada uma. Segundo Guimarães (2008), geralmente, todas essas ações dos bebês,

são interpretadas com palavras, limitando-se a um sentido possível (“esse choro é sono”, “está assim manhosa porque ficou no colo no final de semana”), mas não se esgotam nas palavras possíveis de compreendê-los. É possível perguntar sempre por outras possibilidades de sentido (GUIMARÃES, 2008, p. 191).

Uma outra forma de linguagem não-verbal utilizada pela criança pequena para se comunicar é o diálogo tônico, onde ela expressa suas emoções e seus atos. O corpo é um instrumento de comunicação da criança, entendendo e fazendo-se entender através da expressão facial, postura, gestos e entoação de voz. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998) alerta que “a dimensão expressiva do movimento engloba tanto as

expressões e comunicação de ideias, sensações e sentimentos pessoais como as manifestações corporais que estão relacionadas com a cultura” (p. 30). O corpo põe para fora os sentimentos e afetividade dos bebês, demonstrando as diferentes possibilidades de se expressarem. Mahoney e Almeida (2005) mostram na teoria walloniana a emoção,

é a exteriorização da afetividade, ou seja, é a sua expressão corporal motora. Tem um poder plástico, expressivo e contagioso; é o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece os primeiros laços com o mundo humano e através dele com o mundo físico (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p. 20).

Utilizando o corpo para demonstrar suas emoções e sentimentos, muitas vezes de forma brusca, a criança inicia conflitos com seus pares. Atitudes como bater e/ou morder podem acontecer como uma expressão de raiva ou de resposta à insatisfação com o outro. Essas ações são executadas de forma rápida como ação ou reação em uma situação. “A emoção dá rapidez às respostas, de fugir ou atacar, em que não há tempo para deliberar. É apta para suscitar reflexos condicionados” (MAHONEY E ALMEIDA, 2005, p. 20).

A linguagem corporal também pode ser responsável por um ambiente de sociabilidade. Com o corpo, o bebê se socializa com seus pares e com os adultos, mantendo interações que permitam compreendê-lo e ser compreendido. As crianças pequenas apontam para os objetos que desejam, visto que ainda não fazem o uso da fala. Esse movimento é cheio de significados e consegue mostrar sua intenção. Ele acontece a partir da observação que o bebê faz das ações dos adultos, que inicialmente lhes mostram as coisas perguntando, fazendo ruídos como palmas ou estalar de dedos e apontando em direção ao objeto para saber o intento do bebê. Após observar a repetição desses gestos feita pelos adultos, ele entenderá o conceito e será capaz de fazer o mesmo. A criança observa os gestos e expressões do adulto e passa a imitá-los, tentando se comunicar. Kohl (2010) observou que, para Vygotsky, a imitação não é mera cópia de um modelo,

[...], mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros. Essa reconstrução é balizada pelas possibilidades psicológicas da criança que realiza a imitação e constitui, para ela, criação de algo novo a partir do que observa no outro. Vygotsky, não toma a atividade imitativa, portanto, como um processo mecânico, mas como uma oportunidade de a criança realizar ações que estão além de suas próprias capacidades, o que contribuiria para seu desenvolvimento (KOHL, 2010, p. 65).

Nas interações com as outras crianças, é possível observá-las reproduzindo cenas de ações feitas pelos adultos que convivem cuidando delas. São ações de cuidar, acalantar, ninar, apontar, brincar, etc. Essas imitações possibilitam a essas crianças se desenvolverem, realizando ações que ainda não conseguiam executar sozinhas. Nas brincadeiras, principalmente nas de faz-de-conta, as crianças imitam cenas do cotidiano, reproduzindo falas

(muitas vezes ainda através de sons ou balbucios), ações e estabelecendo regras sociais. De acordo com Vygotsky (2007),

O que ocorre é uma reprodução da situação real. Uma criança brincando com uma boneca, por exemplo, repete quase exatamente o que sua mãe faz com ela... É uma situação imaginária, mas é compreensível somente à luz de uma situação real que, de fato, tenha acontecido. O brinquedo é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova (VYGOTSKY, 2007, p. 123).

A brincadeira proporciona à criança a livre expressão, onde ela consegue demonstrar suas vivências e experiências e as reinventa, mostrando sua alteridade como sujeito social e cultural. Através dessa relação é possível perceber no ato da brincadeira experiências culturais relacionadas ao seu ambiente social e às pessoas que a cercam. Segundo Corsaro (2002),

As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta (CORSARO, 2002, p. 114).

São vivências culturais acumuladas que perpassam pelas gerações, propiciando que o fenômeno cultural aconteça também pela brincadeira. Brincando a criança imita, reproduz e inventa situações vivenciadas por elas e a partir daí formam suas próprias maneiras de brincar, criando uma cultura lúdica. Brougère (1998) cita algumas brincadeiras que os adultos fazem com as crianças, como a mãe que esconde o rosto com a fralda, e esclarece que “a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, evocadas anteriormente, que constitui sua cultura lúdica” (p. 110).

Na brincadeira, as crianças demonstram suas representações do dia a dia, mostrando capacidade de estruturar funções para todos, elaborar regras, além de se expressar livremente. Na visão sociointeracionista de Vigotski, nas interações com seus pares que acontecem durante as brincadeiras com os adultos e com o meio, as crianças demonstram estar se desenvolvendo, aprendendo e mostrando a dimensão lúdica. Vigotski afirma ainda que durante o brincar são desenvolvidos esquemas que permitem às crianças, a organização das brincadeiras. São ações que mostram como a brincadeira acontece, dentre elas, reações, expressões, linguagem e sentimentos utilizados.

Os pequenos adoram músicas infantis, cantigas de roda, músicas populares e danças, principalmente, quando interagem com outras crianças, cuidadores ou familiares. Essas

atividades cotidianas são ferramentas importantes para a aquisição da linguagem. Através dos gestos que coreografam as músicas infantis, eles conseguem mostrar a canção que estão cantando. Ver alguém cantando músicas desperta neles o interesse pelos sons e o gosto pelas melodias. Eles passam a fazer sons específicos de algumas partes da canção ou mesmo utilizam conjuntamente balbucios ou palavras soltas para verbalizar as músicas. O RCNEI (1998) aponta que:

Do primeiro ao terceiro ano de vida, os bebês ampliam os modos de expressão musical pelas conquistas vocais e corporais. Podem articular e entoar um maior número de sons, inclusive os da língua materna, reproduzindo letras simples, refrões, onomatopéias etc., explorando gestos sonoros, como bater palmas, pernas, pés, especialmente depois de conquistada a marcha, a capacidade de correr, pular e movimentar-se acompanhando uma música (RCNEI, 1998, p. 51).

A música é capaz de expressar sentimentos, pensamentos e emoções, contribuindo para uma comunicação social ampliada e levando a interação das crianças. Percebe-se nos bebês o cantarolar através das músicas e das interações diariamente, o que possibilita o estreitamento das relações que buscam o diálogo entre a criança e o adulto. O RCNEI (1998) afirma:

Encantados com o que ouvem, os bebês tentam imitar e responder, criando momentos significativos no desenvolvimento afetivo e cognitivo, responsáveis pela criação de vínculos tanto com os adultos quanto com a música. Nas interações que se estabelecem, eles constroem um repertório que lhes permite iniciar uma forma de comunicação por meio dos sons (RCNEI, 1998, p. 51).

A curiosidade motiva o bebê a descobrir o mundo e o leva a desenvolver diversas possibilidades de comunicação. Visando alcançar a atenção e transmitir seus intentos, desejos e sentimentos, a criança pequena com suas potências lança mão do seu corpo, seus sons, movimentos, expressões para se comunicar com o outro, que pode ser uma outra pessoa, ela própria ou até mesmo um objeto.

No próximo capítulo serão apresentadas diferentes situações de comunicação entre os bebês, utilizando gestos, sons, balbucios e palavras isoladas. Foi possível através dessas observações perceber como os bebês possuem formas de entender o outro e se fazer entender. Eles se entendem, entendem os adultos, trocam sentimentos, expressam vontades e desejos, reclamam e acarinham. Foi uma experiência rica de significados e possibilidades de comunicação entre eles.

CAPÍTULO II - RELATOS DE VIVÊNCIAS DAS CRIANÇAS DO BERÇÁRIO

Esta pesquisa foi desenvolvida no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professor Roberto Luiz Pereira, no bairro de Jacarepaguá, no município do Rio de Janeiro, e propôs-se a observar as vivências das crianças do grupo do Berçário, afim de perceber como elas se comunicam, mesmo ainda não tendo desenvolvido a fala. Este grupamento tem crianças de faixa etária entre 12 meses e 1 ano e 11 meses. São crianças que moram na comunidade do Morro São José Operário e nas ruas do entorno. Algumas já eram da turma de Berçário do ano anterior e outras estavam na creche pela primeira vez.

A todo momento é possível observar várias situações onde as crianças demonstram sua capacidade de pensar, agir, criar, imaginar, experimentar, questionar, argumentar e principalmente desejar, pois o desejo é a base para o aprender. Através das suas interações com os adultos e com as outras crianças é possível compreender melhor seus pensamentos, sentimentos, suas vivências e seus saberes. De acordo com Nunes (2009) “nesse movimento de interação e de atribuição de sentidos, ela internaliza conceitos e preconceitos que constituem a sua consciência” (p. 151).

A criança pode também ser percebida como um sujeito histórico que, através das suas vivências diárias, torna-se produtora de cultura. Segundo Kramer (2009), “...importa pensar a criança como um outro que deve ser visto em suas potencialidades, e não apenas conhecido pelas suas características e necessidades” (p. 51).

Aqui serão relatadas situações de interações das crianças com outras crianças e, com a participação de algum adulto envolvido no seu processo educativo. Foi possível observar situações de carinho, conflitos, imaginação, cuidado e representação do cotidiano de situações domésticas e da Instituição Escolar.

Em um primeiro momento, foi necessário estar próximo às crianças, porém, foi essencial, em seguida, ter um olhar externo sobre as interações. Com o distanciamento, foi possível ver de outra forma as situações, percebendo suas singularidades dentro da coletividade. Este movimento de exotopia, desenvolvido por Bakhtin (1992-2003), foi o direcionador para este trabalho. Esta pesquisa de observação foi uma ação de novas e relevantes aprendizagens para esta pesquisadora, que por mais que acompanhasse o trabalho desenvolvido nas salas de referência, enquanto gestora desta Unidade de Escolar, não percebia a gama de conhecimentos,

sentimentos, vontades e personalidades que aquelas crianças tão pequenas já possuíam e demonstravam nas suas interações, nas suas vivências, no seu dia a dia.

No grupamento do Berçário observou-se diferentes tipos de interações entre as crianças, demonstrando como são ativas, criativas e surpreendentes em suas ações. Iniciando o uso da linguagem e utilizando balbucios, as crianças conseguiam agir e se comunicar, demonstrando suas necessidades, sentimentos e desejos. “A linguagem, em suas diferentes formas enunciativas verbais e extraverbais, assume grande valor, pois, compreendida como signo social, será a mola propulsora do conhecimento e da construção de identidades” (NUNES, 2009, p.151-152).

A seguir, serão apresentadas algumas situações que foram registradas para serem analisadas.

Acalento

Lucas¹ estava chorando tendo como motivo possível a falta de sua mãe. A professora pegou-o no colo e acalentou-o. Depois, ela colocou-o deitado ao seu lado e ele foi se acalmando. Quando a professora levantou, Lucas voltou a chorar. Samuel, que estava afastado deles, pegou um ursinho, foi até o Lucas e colocou o brinquedo em cima dele. Mesmo assim, Lucas continuou chorando. Então, Samuel sentou-se ao lado de Lucas, olhou para a professora e começou a acalenta-lo, dando palmadinhas no bumbum de Lucas como se tivesse colocando-o para dormir. Samuel balbuciava alguns sons, como se estivesse cantando e olhava para o colega como se estivesse preocupado, vendo se Lucas havia parado de chorar. Nesse momento, uma das educadoras aproximou-se dos dois, sentou-se ao lado de Samuel e acalentou Lucas junto com o amigo. Lucas parou de chorar e ficou calmo com a cabeça no colo da educadora e perto de Samuel.

O celular

Após as crianças tomarem o desjejum, a professora as convidou para ouvir uma história. Um grupo de crianças sentou-se e ela pegou uma caixa cheia de fantoches para começar a atividade. Duas crianças estavam trocando a fralda com uma das auxiliares e havia uma menina que não se juntou ao grupo para ouvir a história.

Nycole foi até a caixa de brinquedos e pegou uma boneca. Ela colocou-a no colo. Depois ela pegou uma peça em uma caixa que contém jogos de encaixe. Esta peça se transformou para

¹ Todos os nomes de crianças citados nesta pesquisa são nomes verdadeiros.

Nycole em um telefone celular. A menina andava pela sala de referência com a boneca no colo e com a peça no ouvido, conversando com alguém. Fazia caras e bocas e também poses, pois a conversa no celular estava fluindo naturalmente.

Isaac, que estava sentado junto ao grupo que ouvia a história, não estava mais atento à contação e percebeu que Nycole brincava de falar no celular. Levantou-se, foi até a Nycole e tomou a peça de encaixe da mão da colega. Ele pegou a peça do jogo, utilizando-a como um aparelho celular e começou a falar com alguém também.

A auxiliar que já havia acabado a troca de fraldas, estava atenta a Nycole, que não estava no grupo ouvindo história e viu quando Isaac tirou a peça da mão da colega. Ela fez uma intervenção, explicando a Isaac que Nycole ainda não havia acabado a ligação e o orientou a devolver a peça, para que ela continuasse a brincar. A educadora também propôs a Isaac que ele pegasse uma peça “celular”, na caixa do jogo de encaixe, para brincar de “telefonar”. Isaac foi até a caixa, pegou uma peça e saiu falando no “celular”.

Andar na gangorra

As crianças estavam no solário brincando livremente. Algumas crianças estavam na casa de bonecas, outras estavam andando de velotrol, brincando com carrinhos ou andando na gangorra. Nícolas estava na gangorra brincando, quando Samuel se aproximou, querendo brincar no mesmo brinquedo. Samuel queria tirar Nícolas do brinquedo empurrando-o, porém, este deu um tapa e Samuel revidou, tentando morder o braço do colega. A tentativa foi impedida pela auxiliar que viu a tempo e interveio, conversando com ele e orientando-o.

Auxiliar: -“Samuel, não pode morder o amigo!”

Samuel olha para a educadora e esconde o rosto com as mãos.

Auxiliar: -“ Você quer andar no brinquedo?”

Samuel balança a cabeça afirmativamente.

Educadora: - “Então vem, vamos pedir desculpas pro Nícolas e pedir pra ele deixar você andar um pouquinho na gangorra. Nícolas, você pode deixar o Samuel andar um pouquinho na gangorra? Depois você volta. Vamos jogar bola com a Ana?”

Nícolas sorriu, saiu do brinquedo e foi brincar com a educadora. Samuel pode andar na gangorra.

Não gostei da roupa

Na hora de trocar a fralda de Davi, a professora, ao arrumá-lo, colocou sua blusa por dentro da calça. Ao terminar, ela ajudou a criança a se levantar. Davi, quando se viu de pé, percebeu como estava vestido e foi até a auxiliar. Apontando para a roupa, mostrou sua insatisfação com o jeito como estava vestido. A auxiliar, percebendo a insatisfação de Davi, perguntou:

“- O que foi Davi, não gostou da roupa?”

Davi balbuciou como se estivesse resmungando, foi até o espelho, se olhou, começou a chorar e puxou a blusa. A auxiliar falou:

“- Não precisa chorar, você pode tirar a blusa de dentro da calça. Deixa que eu vou te ajudar.”

A auxiliar auxiliou-o, puxando sua blusa para fora da calça. A partir daí, Davi parou de chorar e foi brincar com colegas de jogo de encaixe.

Contando história

Rafael, que já falava algumas palavras, pegou o livro de pano chamado “No fundo do mar”. Sentou-se no chão, abriu o livro e começou a passar as páginas e falar o nome de alguns animais, como se estivesse contando história. Algumas crianças se aproximaram, sentaram-se perto de Rafael, ouvindo e conversando com ele através de balbucios e palavras.

2.1 - Análise das situações

Observou-se como as crianças vão se apropriando das práticas sociais, incorporando-as em seus contextos de interações entre pares. “As interações são a vivência das práticas sociais, a arena onde as crianças internalizam os signos sociais: regras, normas, valores, formas e condições de ser e estar no mundo” (NUNES, 2009, p. 152). Através da imitação das situações do cotidiano, a criança expressa suas experiências sociais, as quais vão se acumulando tornando-se modelos de ações futuras. Lucas usou toda sua sabedoria para tentar acalmar Samuel.

Vigotsky (2007) afirma que a

... experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular (2007, p. 7 e 8).

As crianças têm diversas possibilidades de ser e agir. O brincar é uma delas. Brincando, elas passeiam pelo mundo da imaginação, porém suas vivências sociais cotidianas proporcionam a elas vários significados. De acordo com Borba,

ao brincar a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida (2009, p. 70).

As crianças conseguem resignificar toda a experiência que já possuem, recriando e atuando sobre toda a cultura vivenciada. Segundo Borba (2009) “o brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade” (p. 70). Desde pequenas, as crianças aprendem a brincar através de suas interações, quer com seus pares, quer com os adultos. Elas desenvolvem uma organização nas suas experiências de brincadeiras que as permitem formar esquemas que futuramente lhes darão autonomia para participar da brincadeira do início ao fim. Segundo Borba (2009), “...as brincadeiras com as crianças, desde bebês, envolvem uma sequência de ações organizadoras, que concorrem progressivamente para a apropriação de esquemas que lhes permitem iniciar e participar de brincadeiras com outras pessoas” (p. 73).

A criança, de posse de toda a experiência cultural apropriada no ato de brincar, consegue construir seu próprio repertório de brincadeiras, ou seja, constrói a sua cultura lúdica. Brougère (1998) afirma que cultura lúdica “é o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê...” (p. 110).

Nycole, na sua brincadeira de faz de conta, transferiu sua experiência cultural para este ato. Ao utilizar a peça do jogo como celular, ela reproduziu cenas que vivencia em seu cotidiano, na interação com outras pessoas, em sua casa ou na rua. Ela se apropriou da ação de falar ao telefone, deixando nítido que sabe para que serve este aparelho e como usá-lo.

Os conflitos também acontecem e podem ser resolvidos pelas próprias crianças ou com a mediação do adulto, visto que, apesar de não fazerem uso da fala, conseguem se comunicar com seus pares e com os adultos, entendem o que está sendo dito e mostram suas necessidades e sentimentos através de outras formas de linguagem. Vygotsky (2010) diz que uma das principais funções da linguagem é a de intercâmbio social. “É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem” (p. 44).

No conflito entre Samuel e Nicolás, a mediação realizada pela auxiliar foi possível, pois ela estava atenta à ação das crianças e percebeu quando Samuel fez um movimento brusco, (empurrando) e iniciando, com esse movimento corporal, um conflito. Mesmo sem a utilização

da fala, a comunicação entre os bebês aconteceu. Através da observação das atitudes das duas crianças, a auxiliar conseguiu compreender o porquê do conflito. Analisando as ações corporais e expressões faciais, ela agiu a tempo de mediar a situação, mostrando às duas crianças que o conflito poderia ser resolvido de forma pacífica, dando a oportunidade de todos brincarem.

É necessário ao professor de Educação Infantil e aos outros educadores que participam do processo de desenvolvimento da criança tenham um olhar observador e compreensivo das reações tônicas, conseguindo dialogar com ela através de expressões, movimentos e entonação de voz. Segundo Wallon (2005), a emoção também desempenha um papel importante, pois a ela “compete unir os indivíduos entre si através das suas reações mais orgânicas e mais íntimas” (p. 143).

Os sentimentos dos bebês também foram observados: alegrias, tristezas, satisfações e insatisfações. Eles possuem características próprias para se fazerem compreender. Cabe aos educadores terem um olhar atento as suas ações, reações, interações e às produções corporais realizadas, buscando interpretá-las. De acordo com Guimarães (2008) “geralmente são interpretados com palavras, limitando-se a um sentido possível (“esse choro é sono”; “está assim manhosa porque ficou no colo no final de semana”), mas não se esgotam nas palavras possíveis de compreendê-los” (p.191).

Davi foi incisivo ao demonstrar sua insatisfação com a roupa, ele conseguiu mostrar o que estava lhe incomodando através de expressões corporais, balbucios e choro. Ele criou meios de se comunicar e transmitir o que estava sentindo. Foi possível observar também nesta situação que as crianças, desde pequenas, já possuem sentimentos, opiniões e vontades e conseguem argumentar buscando a resolução de seus problemas. A auxiliar, ao prestar atenção nos movimentos de Davi, entende a mensagem que ele quer passar, respeita a sua opinião e vontade e o auxilia para que consiga solucionar sua questão.

Nas interações dos bebês com seus pares, com os adultos e com os objetos a linguagem verbal e não verbal tornam fáceis, porém complexas, as relações onde cada um se faz entender com os recursos que possuem. Segundo Guimarães (2008), “o gesto de apontar, o olhar, os objetos ofertados, os braços que se levantam em direção a pessoas e objetos, as expressões faciais são modos não verbais que vão sendo vividos socialmente” (p. 191).

Na sua relação social, é possível o reconhecimento da alteridade das crianças, quando demonstram suas vontades, pensamentos e sentimentos.

Quando Rafael pega o livro e conta histórias, foi possível perceber que o mesmo, revelou o quanto o contato com a leitura e a escrita pode e, nesse caso, se dá já no berçário. Ao ter acesso a um acervo de livros organizados de modo que a criança possa escolher essa atividade,

ela mostra seu interesse e seu conhecimento de forma espontânea, sendo relevante para despertar a curiosidade e o gosto pela leitura. De acordo com Fochi, “a curiosidade...é o que impulsiona o bebê a descobrir seu entorno” (2015, p.98)

Neste grupo observado, algumas crianças já iniciaram o uso da linguagem verbal e outras ainda balbuciam. Utilizam o ato de apontar e falam o que estão mostrando com palavras ainda soltas, porém relacionadas ao significado. Vigotsky (2007, p. 12) afirma que “antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização com o próprio comportamento”.

Em todas essas vivências relatadas, foi possível perceber a criança como um sujeito que existe, que pensa, sente, age, questiona e argumenta. Sujeitos que interagem, criam e recriam, imitam e reproduzem ações do meio social, mostrando-se como sujeitos de cultura. Mesmo sem fazer uso da linguagem verbal, comunicam-se e se fazem entender com sua forma única de expressar a mensagem que querem passar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para identificar de onde partiam e para onde se dirigiam as crianças, foi necessário observar e analisar algumas vivências no dia a dia da creche, buscando fundamentação teórica em autores que estudaram esse movimento prático das crianças.

Observaram-se situações de interações das crianças onde elas reproduziam e/ou imitavam situações do cotidiano, brincavam desenvolvendo situações amistosas ou conflituosas, onde conseguiam resolver seus problemas sozinhas ou pedindo auxílio a um adulto participante do processo educativo. A interação da criança com seus pares, com seus cuidadores e com o mundo em que está inserida se dá nas diferentes atividades que ela desenvolve. Além de se apropriar de novos conhecimentos, ela utiliza-os de forma própria e pode recriá-los em suas vivências, lançando mão da sua imaginação.

A brincadeira, principal forma de comunicação das crianças pequenas, propicia que expressem seus sentimentos, compartilhando com seus pares, interagindo, criando e elaborando suas experiências culturais, valores, conhecimentos sociais, aprendendo e desenvolvendo conhecimentos sobre si e sobre o mundo que a cerca.

A linguagem utilizada pelos bebês permite que se comuniquem, conseguindo que o receptor da mensagem compreenda suas necessidades, sentimentos e questionamentos. Foram situações com utilização de gestos, expressões faciais, corporais, sensoriais, balbucios e palavras soltas que propiciaram diferentes interações e novas formas de cooperação.

Foi possível perceber como os bebês tem potencialidades e diferentes possibilidades para se comunicarem com todos que participam do processo educativo. Suas interações são essenciais para a formação da sua cultura, pois assim desenvolverão conhecimentos infantis, que futuramente lhes permitirão participar ativamente do mundo adulto, com suas competências e conhecimentos. De acordo com Gouvea,

é por meio da linguagem que as experiências são subjetivadas, significadas e compartilhadas [...] a linguagem dá forma a tal experiência, ela a inscreve e circunscreve no interior de um repertório cultural expresso nos signos linguísticos. Assim é que, ao fazer uso desses signos, a criança na interação cotidiana constrói, introjeta e aprende categorias de organização do mundo, armazenadas historicamente pelo grupo social em que se situa (GOUVEA, 2007, p.115-116).

Porém, todo esse movimento comunicativo das crianças pequenas, utilizando diferentes linguagens, principalmente a linguagem não-verbal, não terá significado se não houver um trabalho pedagógico de observação e registro das ações das crianças. É preciso que os

Professores de Educação Infantil tenham um olhar atento a cada movimento, a cada gesto, a cada olhar, com uma escuta apurada para um choro, balbucio, ou mesmo para uma palavra ainda solta na imensidão de signos e significados.

O registro dos avanços e necessidades dos bebês propicia uma visão completa de seu desenvolvimento, sua evolução, sua autonomia. Revela-se um documento importante para apresentar as histórias das crianças, oportunizando a quem lê, visualizar e entender como cada criança iniciou seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e como ela foi evoluindo no decorrer do tempo, seus sucessos e as necessidades apresentadas. Permite também, mostrar as mediações que foram executadas pelo professor para que os pequenos consigam superar suas necessidades, fazendo novas descobertas e construindo novos conhecimentos.

A observação e o registro viabilizam o trabalho pedagógico. Eles permitem a este profissional avaliar o desenvolvimento de cada criança de forma individual, respeitando suas características, o seu tempo, suas limitações, sua realidade e valorizando a sua história. Possibilitam também avaliar as situações para planejar intervenções e encaminhamentos.

Contudo, um Professor de Educação Infantil comprometido com uma educação de qualidade deve estar atento à parte mais importante do processo educativo: a criança. Deve estar preocupado em garantir que sua prática pedagógica esteja em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que garantem experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das crianças.

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão... (DCNEI, 2010, p. 25).

No caso dos bebês, estar atento e interagindo com eles, torna-se primordial para pensar e desenvolver vivências para uma aprendizagem significativa. É preciso lembrar que o bebê tem especificidades que o diferenciam das crianças maiores, o balbucio, a linguagem corporal e o movimento, são exemplos. Assim somos desafiados a olhar o bebê na sua potência e não no que ele ainda não faz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes 1992, 2003.
- BORBA, Ângela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: Corsino, Patrícia. (Org.) **Educação Infantil: cotidiano e práticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BOUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v.24, n 2, Julho 1998. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59630/62727>. Acesso em 06 de julho de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. CNE/CBE. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretária da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília MEC/SEF, 1998.
- CORSARO, William. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>. Acesso 12 de julho de 2017.
- DANTAS Heloísa Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. IN: LA TAILLE Yves de, OLIVEIRA Marta Kohl de & DANTAS Heloysa. **Piaget, Vigotski e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A criança e a linguagem: Entre palavras e coisas. In: PAIVA, Aparecida (Org). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GUIMARÃES, Daniela. Na creche, o cuidado como ética: caminho para o diálogo com bebês. In: KRAMER, Sonia (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 2009.
- GUIMARÃES, Daniela. As manifestações infantis e as práticas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Anelise Monteiro (Org.). **Educação Infantil e ensino fundamental: contextos, práticas e pesquisas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.
- KRAMER, Sonia (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 2009.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e Processo Ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, v. 20, pp 11-30, 2005.
- NUNES, M. F.; SIQUEIRA, R.; FREITAS, R. Vai ter futebol? Interações sociais na educação infantil em escolas de ensino fundamental. In: KRAMER, Sonia (Org.) **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil**. São Paulo: Ática, 2009, p.151-166.
- OLIVEIRA, Marta Khol. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009.

TIRIBA, Léa, BARBOSA, Silvia Néli, SANTOS, Nubia. O cotidiano na educação infantil: buscando interações de qualidade. In: KRAMER, Sonia, NUNES, Maria Fernanda e CARVALHO, Maria Cristina (Orgs.) **Educação Infantil: Formação e Responsabilidade**. São Paulo: Papirus, 2013.

VIGOTSKI, L.S. O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In: **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.